

PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE CORRIDA COMO ESTRATÉGIA DE GESTÃO EMPRESARIAL DE SI

Carina Prina Carlan 1¹
Renato Possebon 2²
Iara Tatiana Bonin 3³

Resumo: no presente estudo, as redes sociais virtuais são vistas como *locus* de práticas e discursos que educam, constituem e posicionam os sujeitos em relação a certos modos de ser e de fazer a gestão de si. O presente artigo tem o propósito de analisar como uma modalidade esportiva – a corrida de rua – é constituída e, gradativamente, conformada aos imperativos da vida produtiva. A metodologia do estudo envolve o rastreamento e a seleção de postagens na rede social Instagram, feitas por atletas que correm maratonas. No período compreendido entre junho de 2018 a junho de 2019 selecionamos postagens indicativas de certa mudança de ênfase nos sentidos de corrida – de prática esportiva que demanda tempo e dedicação e que compete com rotinas laborais, à prática que potencializa e expande as qualidades empresariais.

Palavras-chave: Educação; Corrida de rua; Gestão de si.

Problematisations about racing as a strategy for self-management business

Abstract: in this study social networking service is seen as a site for practice and discourses educating, shaping and positioning subjects towards particular modes of being and conducting self-management. This paper aims to analyse how a particular kind of sport – street racing – is shaped and gradually conformed to productive life. The methodology for this study includes tracing and selection of posts in Instagram by marathon runners. Between June 2018 and June 2019, we have selected posts suggesting a particular change of stress on racing meanings – from sportive practices demanding time and dedication and competing with work routines, to the practice of leveraging and broadening management skills.

Keywords: Education; Stret racing; Self management

ANOTAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Correr é o novo MBA. E o mundo é de quem sonha grande e, literalmente, corre atrás.

¹ Universidade Luterana do Brasil (carinapcalan@gmail.com).

² Universidade Luterana do Brasil (renatopossebon@terra.com.br).

³ Universidade Luterana do Brasil (tlbonin@gmail.com).

Em 14 de agosto de 2018 o jornal brasileiro *Folha de São Paulo* publicou matéria intitulada “Correr é o novo MBA”⁴, assinada por Nizan Guanaes, na qual se equipara a prática de corrida de maratona a um “*Master of Business Administration*”, um tipo de capacitação voltada para o aprimoramento de conhecimentos de administração no mundo corporativo. A matéria, escrita por um dos publicitários e empresários mais bem sucedidos do Brasil – sócio e cofundador de um grupo que reúne dezoito empresas na área de comunicação e marketing – foi compartilhada e replicada em redes sociais, inclusive por atletas. No texto, salienta-se que as corridas de alto impacto exigem planejamento, estratégia, firme disciplina. “A maratona obriga você a focar, a limpar a agenda, a cuidar do sono, da alimentação – e abandonar tudo o que é desnecessário nessa vida [...] E tudo isso faz de você um empresário e um profissional muito focado”. O publicitário qualifica a prática esportiva por meio de “ganhos” que ela supostamente oportuniza ao âmbito de ação empresarial. Paralelos entre esporte e empresa também se estabelecem na afirmativa: “a economia e a política do Brasil são uma maratona. E haja resistência!”. Para respaldar o argumento de que certos esportes podem ser um qualificativos no perfil do trabalhador, o autor da matéria afirma que, nos Estados Unidos, muitos empresários estão inserindo o símbolo do *Ironman* – modalidade esportiva composta por 3,8 quilômetros de natação, 180 quilômetros de ciclismo e 42 quilômetros de corrida (maratona) – em seus cartões de visita, como algo que atestaria sua persistência, capacidade de planejar de modo estratégico e, ao mesmo tempo, de executar aquilo que foi planejado. O ícone esportivo opera como símbolo e pode ser entendido como traço distintivo de um sujeito que, sejam quais forem as condições climáticas, atmosféricas, corporais, afetivas, se põe a caminho e resiste, correndo.

Três anos antes da publicação desta matéria, Guanaes já havia escrito, também para o jornal *Folha de São Paulo*, outro texto, mas naquela publicação dava relevo aos benefícios da corrida e ao modo como a incorporação desta prática havia transformado sua vida: “Tinha 160 quilos caminhando a galope para 200. Fumava, comia e bebia em demasia, apesar do brutal histórico cardíaco-familiar”. Argumentando que “a vida empresarial é um moedor de carne” e “se você não a domina, ela engole você” o publicitário enumera

⁴ Matéria completa disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nizanguanaes/2018/08/correr-e-o-novo-mba.shtml> Acesso em 08/06/2019.

“sintomas” que seriam típicos dos chamados “*workaholics*”⁵: muita atenção para carreira em detrimento do bem estar, da saúde, da vida em múltiplas dimensões; disponibilidade irrestrita para as demandas profissionais, adotando rotinas estafantes e tempos flexíveis, os quais implicam estar atento a qualquer tempo, ou seja, o tempo todo. O publicitário narra a si mesmo como alguém à beira de um colapso pessoal e profissional – “Eu não conseguia dormir, pedi ao meu médico um novo *Rivotril*, um novo *Dormonid*, um novo Frontal [...] Meu psiquiatra respondeu: vou tirar todos esses remédios. E me iniciou no caminho do esporte de alto impacto e da reinvenção”.

A corrida emerge, em publicações como essa, investida de um novo sentido - ela seria uma forma de gestão de si - e, na narrativa do publicitário, ela teria permitido maior performance na vida laboral, mais força para enfrentar dificuldades. Correndo, ele afirma ter aprendido a “se relacionar melhor, a liderar melhor, a decidir melhor, a performar melhor, a ter mais resiliência”. Contudo, ele avalia que “só é possível vencer nessa dimensão se você se dedicar a ela com a mesma obstinação dedicada ao seu sucesso empresarial”⁶. A promessa de retorno do “investimento” (de tempo, de recursos, de energia) empenhado é reiterada em vários pontos do texto, mas não se constituiria como argumento válido se não fosse acionado em variadas produções culturais de nosso tempo. Tomarmos essa matéria como exemplar de um modo de articulação entre práticas corporais e práticas laborais, não como expressão de uma perspectiva individual assumida em tempos de vida acelerada, mas como uma construção cultural que recebe, na atualidade, grande investimento discursivo.

Gradativamente, a prática esportiva vai sendo configurada como algo capaz de oferecer novas ferramentas para a gestão de si em todas as dimensões do viver - inclusive para a gestão das capacidades requeridas para o ambiente empresarial ou como antídoto contra a sobrecarga de trabalho cotidiano na medida em que possibilitaria uma expansão das capacidades de respirar, de dormir, de gerir o corpo e suas funções. Se as condições do capitalismo

⁵ Termo em inglês utilizado para se referir a pessoas viciadas em trabalho.

⁶ Um dos nomes comerciais do Clonazepam, um dos medicamentos ansiolíticos mais vendidos no Brasil.

⁷ Um dos nomes comerciais de Midozolam indicado para induzir o sono.

⁸ Disponível em <https://blogs.globo.com/pulso/post/como-corrida-transformou-vida-do-publicitario-nizan-guanaes-para-melhor.html>. Acesso em 09/06/2019, acesso em 10 de maio de 2019.

contemporâneo - movendo-se sempre em aceleração, em cenários economicamente instáveis, que reclamam uma produção frenética e eficiente - são tomadas como naturais e incontornáveis, exige-se que os corpos desenvolvam potencialidades outras, que incluem a força, a determinação, o controle, a flexibilidade, a capacidade de enfrentar condições pouco amigáveis e seguir, de preferência, correndo sempre!

Especificamente nas redes sociais virtuais, é possível acompanhar perfis de renomados empresários que exibem aspectos de suas rotinas, compartilhando vídeos, textos e imagens que seriam indicativas de como os esportes mudaram e/ou auxiliaram na gestão de suas vidas e carreiras. Tais narrativas marcam certa mudança de atitude: acordar mais cedo de modo a gerir a vida esportiva, profissional, pessoal. A articulação de distintas condições de nosso tempo contribui para que a corrida seja vista como tarefa urgente, como algo a ser conquistado, exibido no currículo ou em cartões de visita. Argumentamos, neste texto, que a emergência de espaços de propagação de narrativas de si - como as redes sociais virtuais - contribui efetivamente para a expansão dessas práticas e para a exibição ampla de seus supostos resultados. Nesses espaços virtuais, podemos pensar que as narrativas de práticas esportivas operam pedagogicamente, funcionam como tecnologias de produção de sujeitos que se vinculam simultaneamente a premissas de vida ativa e saudável e a pressupostos de uma vida produtiva que se expande para todo o tempo da vida. Considerando o caráter pedagógico das redes sociais virtuais e seu potencial para fazer reverberar sentidos e constituir posicionamentos, o objetivo do presente artigo é analisar como uma modalidade esportiva - a corrida de maratona - é constituída e, gradativamente, conformada aos imperativos da vida produtiva. Argumentamos sobre os modos como redes sociais virtuais cumprem funções educativas na medida em que exibem certos estilos de vida, reforçam certos modos de ser e de fazer a gestão de si e, assim, nos propomos a pensar como se produzem e se exibem narrativas de sujeitos aderidos à prática de corrida e aos seus alegados efeitos.

A metodologia do estudo envolve o rastreamento e a seleção de postagens na rede social *Instagram*, feitas por atletas que correm maratonas. Para circunscrever um pouco mais o vasto campo de possibilidades,

consideramos os perfis de sete maratonistas, valendo-nos de dados empíricos produzidos na pesquisa de doutorado da primeira autora deste artigo⁹ e esclarecemos que uma breve descrição do perfil de cada atleta será apresentado na medida em que se analisam algumas de suas postagens. O período considerado para seleção da base empírica está compreendido entre junho de 2018 a junho de 2019, e, como critério de escolha, consideramos as postagens indicativas de certa mudança de ênfase nos sentidos de corrida - de prática esportiva que demanda tempo e dedicação e que compete com rotinas laborais, à prática que potencializa e expande as qualidades empresariais.

Sobre a rede social *Instagram*, esta é uma entre múltiplas ferramentas digitais disponíveis na atualidade. Trata-se de um aplicativo de compartilhamento de imagens e informações pessoais criado por Kevin Systrom e Mike Krieger e lançado em outubro de 2010. O serviço ganhou popularidade, inicialmente, como espaço para compartilhamento de imagens, mas gradativamente foi sendo ampliado para acolher publicidade de diversos fins. Em junho de 2018, essa rede social já reunia um bilhão de usuários ativos por mês e mais de 500 milhões de usuários ativos todos os dias¹⁰. O *Instagram* funciona da seguinte forma: o usuário cria um perfil (inserindo no aplicativo informações pessoais e, quase sempre, têm vinculações com outras redes das quais faz parte) e passa a “seguir” outros usuários, que, por sua vez, podem ou não o seguir de volta. Os perfis podem ser “abertos” (qualquer usuário da rede visualiza as publicações) ou “fechados” (apenas os seguidores daquele perfil podem acessar seus conteúdos).

Perfis muito populares, com expressivo número de seguidores, passam a ser visados para a publicidade de certas marcas ou mercadorias - eles podem receber, então, patrocínios para anunciar produtos e são, então, chamados de *digital influencer*. Vale ressaltar que existem muitos destes perfis direcionados ao estilo de vida considerado *fitness* e a práticas de vida ativa. Há, nesta rede social virtual, uma profusão de imagens de corpos sarados, magros, bronzeados, e com eles a promessa de conquista por meio de receituários e recomendações

⁹ Na pesquisa de doutorado, a autora entrevistou sete maratonistas do extremo sul do Brasil, e rastreou postagens feitas no Instagram entre junho de 2018 a junho de 2019, nas quais os atletas davam visibilidade a suas performances esportivas. Para os propósitos do presente texto, foram consideradas apenas as postagens na rede social mencionada.

¹⁰ Dados disponíveis em <https://br.oberlo.com/blog/estatisticas-instagram>, acesso em 15 de junho de 2019.

de como alcançar esse “corpo bem sucedido” seguindo prescrições alimentares, consumindo suplementos, expandindo a rotina de treino, entre outros. Pode-se dizer, assim, que um usuário de redes sociais está inscrito em um currículo cultural difuso, por meio do qual vão se estabelecendo verdades sobre o corpo, a saúde, a capacidade para o trabalho. Os guias de “boas práticas” ancoram o sonho de transformar a vida e podem ou não ser acatados, mas certamente possuem forte apelo cotidiano.

Exibem-se no *Instagram* estilos de vida, agregam-se mensagens e imagens produzidas pelo próprio usuário ou replicadas de perfis de outros, e tudo isso colabora para produzir e enredar histórias múltiplas. As redes digitais de comunicação colaboram para instituir rápidas e intensas mudanças nos modos atuais de viver uma vez que, “esses novos recursos abrem uma infinidade de possibilidades que eram impensáveis até pouco tempo e que agora são extremamente promissoras, tanto para a invenção quanto para os contatos e trocas” (SIBILIA, 2008, p. 10). Nesta ampla rede de narrativas, as pessoas estão modificando a experiência de si e, inclusive, a maneira de perceber-se no mundo, daí a relevância de analisarmos tais acontecimentos no campo educacional. Também porque ocorre uma ativa captura dessas forças vitais para o mercado, nossa tarefa é problematizar os modos como sensibilidades, ideias, atitudes, formas de pensar o corpo são capitalizadas e mobilizam propósitos mercantis.

NARRATIVAS, PEDAGOGIAS E PROCESSOS DE FABRICAÇÃO E GESTÃO DE SI

Antes de adentrarmos propriamente na discussão sobre mensagens que circulam em perfis de atletas, na rede *Instagram*, consideramos necessário explicitar a base conceitual a partir da qual situamos o caráter pedagógico dessas mídias, e assumimos, para tanto, a noção de tecnologias de si, articulada ao entendimento de que, em uma sociedade de controle, os investimentos na constituição deste “si” implicam novas formas de gestão, requeridas para a vida em todas as dimensões, incluindo as atividades produtivas contemporâneas. Nesse sentido, discorrendo sobre as tecnologias do eu, em clave foucaultiana, Larrosa (1994) explica que há uma dimensão pedagógica implicada na fabricação daquilo que somos e também das experiência que temos. Conforme o autor, “a experiência de si pode ser analisada como resultado do entrecruzamento, em um dispositivo pedagógico, de tecnologias óticas de autorreflexão, formas discursivas (basicamente narrativas) de auto expressão,

mecanismos jurídicos de autoavaliação, e ações práticas de autocontrole e auto transformação” (LARROSA, 1994, p. 38). Não se trata de pensar em uma dimensão pedagógica neutra ou não problemática, e sim em complexos espaços de mediação da experiência de si, tramados em relações de poder, nas quais podemos nos tornar sujeitos de um modo particular. Na medida em que se estabelecem condições para que o sujeito constitua uma relação reflexiva consigo mesmo, estariam em operação mecanismos voltados para um tipo de observação, de interpretação narrativa, de julgamento e de domínio de si.

Pensando no caráter pedagógico das postagens que selecionamos para análise, entendemos que a narrativa é um elemento central. Por meio da linguagem o sujeito dispõe de ferramentas para exteriorizar certos estados subjetivos e, expressando-se, tornar manifesto aquilo que constitui sua suposta subjetividade. A narrativa de si adquire sentido não como expressão da genialidade ou autonomia individual e sim como expressão de modos como o sujeito vê a si mesmo frente a padrões culturais e possibilidades enunciativas e como conserva e exprime, de certo modo, memórias daquilo que vê. E, conforme Larrosa (1994, p. 69), uma narrativa de si “ não pode ser feita sem que o sujeito se tenha tornado antes calculável, pronto para essa operação na qual a pessoa presta contas de si mesma, abre-se a si mesma à contabilidade, à valoração contável de si”.

A narrativa é, para Arfuch (2010), tramada em uma espécie de tecido cultural que nos oferece parâmetros para a constituição de nossas formas de pensar e ver o mundo. No interior desse tecido cultural produzem-se nossos pertencimentos, nossas maneiras de pensar, enfim, nossas posições de sujeito, sendo que, cada um de nós está imerso em culturas narrativas de nosso tempo, modos de organizar a própria experiência e de expô-la ao olhar de outros. NO ambiente virtual tais narrativas se entrecruzam, moldam outras maneiras de dizer de si, uma vez que as histórias de contamos adquirem sentido (para nós e para os outros) na mescla de tantas outras histórias que nos são contadas, nos tecidos culturais dos quais fazemos parte. Assim, o sentido do que somos é “o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (LARROSA, 2011, p.43). A narrativa implica imaginação, composição, imersão em outras estruturas narrativas que nos antecedem e que funcionam como balizas para vermos a nós mesmos.

O recorte de estudo a que nos propomos, no presente texto, tem como lugar de produção e expressão de si na rede social virtual *Instagram*. Nesse amplo espaço de produção cultural, que adquire materialidade em textos, fotografias, imagens, vídeos e outras formas de expressão, os atletas que integram o presente estudo constituem narrativas de si, mobilizam formas específicas de ver-se e de posiciona-se como sujeitos ativos, disciplinados, ágeis, competentes para correr maratonas. E observamos que, num tempo em que se estimula e se espetaculariza o empresariamento de si, as narrativas sobre corpo, saúde, qualidade e expectativa de vida, por exemplo, gradativamente deixam de tomar tais elementos como dados naturais e passam a posicioná-los como empreendimentos, sobre os quais cada o sujeito deve investir constantemente.

Rose (2011, p. 25) argumenta, em relação à racionalidade que nos molda como sujeitos na atualidade, que proliferam numerosos programas, propostas e políticas voltadas ao propósito de produzir sujeitos capazes de fazer a gestão de si “ não somente controlar, subjugar, disciplinar, normalizar ou reformá-los, mas também torná-los mais inteligentes, sábios, felizes, virtuosos, saudáveis, produtivos, dóceis, empreendedores, satisfeitos, cheios de autoestima, dotados de poder, ou o que quer que seja”. E prossegue afirmando que

(...) indivíduos contemporâneos são incitados a viver como se fossem projetos: eles devem trabalhar seu mundo emocional, seus arranjos domésticos e conjugais, suas relações com o emprego e suas técnicas de prazer sexual; devem desenvolver um ‘estilo’ de vida que maximizará o valor de suas existências para eles mesmos (ROSE, 2011, p. 218).

Também para Ehrenberg (2010, p. 173), somos impelidos a assumir a premissa de estarmos em contínua produção e de sermos “indivíduos-trajetória”, totalmente responsáveis pela nossa própria vida, tendo na performance uma espécie de bandeira ou “grito de guerra”,s em amparo de qualquer esfera institucional ou transcendental – em outros termos, somos interpelados pela noção de que devemos construir nossas próprias trajetórias, como senhores e soberanos de nossos destinos.

Contudo, assumir a gestão de si (da vida, do corpo, da saúde) como projeto tem efeitos sobre a estrutura do viver e sobre um conjunto de responsabilidades, antes partilhadas entre o sujeito e a esfera pública ou a empresa, que agora recaem sobre os ombros do trabalhador. A transferência de

um amplo conjunto de responsabilidades para a conta dos indivíduos é propagada como algo inevitável (para quem? - poderíamos indagar) e se sustenta na ideia de que cada um poderia ou deveria ser capaz de assumir a gestão de todos os aspectos de sua vida “otimizando seus próprios recursos e minimizando a necessidade de intervenção pública” (SIBILIA, 2012, p. 139).

Nas postagens compartilhadas no *Instagram* por atletas que correm maratonas, expressam-se alguns desses empreendimentos - por exemplo, o corpo ativo como projeto ou a melhoria do desempenho como meta. Nele, assim como em outros espaços narrativos da atualidade,

Somos instados a efetuar, periodicamente, uma espécie de contabilidade existencial, em que apreciamos o mérito ou o valor de nossas ações com base em parâmetros da racionalidade econômica, como 'eficiência', 'saldo de investimento', 'tendências de mercado' ou 'fatores de risco e de crescimento' (FREIRE FILHO, 2011, p. 29).

Como estamos imersos em estruturas narrativas, as histórias que contamos e que nos são contadas (em redes sociais virtuais e em interações face a face) nos dão bases para essas “contabilidades existenciais”, estabelecem padrões de desenvoltura, eficiência, felicidade, satisfação que nos colocamos. Ocorre que, na condição de permanentes construtores de nossos corpos, acabamos por assumir as responsabilidades sobre tudo aquilo que impacta a nossa vida, como se pudéssemos controlar fatores, prever efeitos ou escapar aos riscos cotidianos. Nas seções seguintes, discutimos a vinculação estabelecida entre corrida e performance e entre corrida e gestão de si. Desse modo, buscamos entender como se torna possível, na atualidade, equiparar corrida aos cursos e espaços de aprendizagens sobre gestão empresarial como um “Master of Business Administration”, tal como se enuncia na matéria jornalística apresentada no início deste artigo.

NÃO BASTA CORRER, É PRECISO PERFORMAR

Performance é um termo ambivalente, que adquire cada vez mais visibilidade, emoldurado por discursos do campo artístico, esportivo e empresarial. Nos anos 70, a hibridização das artes visuais, da dança, do teatro, da poesia e da música fez emergir o conceito para, por meio dele, acolher as diversas manifestações artísticas que estavam fora dos modelos tradicionais. A palavra performance passa a designar práticas artísticas que se realizam no ato da exibição pública e dependem, assim, do olhar do outro (SIBILIA, 2015).

Podemos observar, contudo, que o termo é acionado com distintos significados em produções culturais de nosso tempo, muitas vezes como sinônimo de desempenho, tanto em práticas esportivas, quanto nas profissionais.

Segundo Ehrenberg (2010), a fórmula que é hoje apresentada ao indivíduo para lidar com as incertezas, ânsias e dificuldades do viver é o “culto à performance”. Podemos definir, *grosso modo*, o culto à performance como a glorificação do alto desempenho do indivíduo e sua progressiva consolidação como um forte vetor de validação social. O culto à performance, institui como futuro planejado um vir a ser atlético e empresarial da sociedade, em conformidade com princípios concorrenciais e de diferenciação social. Uma espécie de retórica de autorrealização move e instiga os sujeitos a pensarem que

Com dedicação e planejamento acurado, é sempre possível aprimorar o próprio rendimento: ser mais *rápido*, mais *otimista*, mais *resiliente*, mais *obsessivo* (qualificativo crescentemente empregado, em tom aprovativo, com a conotação de persistência absoluta, inabalável). Todos esses atributos possuem um denominador comum: são recursos renováveis, cumulativos e inimitáveis, cuja propriedade plena não se efetua nas instituições de ensino formal. (FREIRE-FILHO, 2012, p.41, grifos no original).

O culto à performance caracteriza-se pela confluência de três tipos de discursos – o esportivo, o do consumo e o empresarial – e tem como núcleo central a ideia de que os indivíduos devem ser “senhores soberanos de seus destinos” – que implica serem integralmente responsáveis por si e por suas escolhas (EHRENBERG, 2010). Esmaecem-se os apelos da administração das condutas, sob olhar de outros, adquirem força discursos de autogestão e autonomia, mergulhada nos valores da concorrência, da competição e da conquista. A retórica da performance proclama o empreendedorismo como traço da personalidade do indivíduo – a atitude arrojadada, obstinada, assertiva, apaixonada por desafios, autoconfiante, pautada pela vontade de conquista – e o posiciona dentro de um fluxo de mudança permanente.

Perfis performáticos emergem, em profusão, com a proliferação das redes sociais e a grande aderência de usuários conectados a elas, que escolhem os dados e as imagens que desejam exibir aos seus seguidores. Performar nas redes sociais seria adotar um lugar de senhor e soberano de seu destino, que assume a narrativa midiática como estratégia para dar a conhecer a vida de determinados modos e para expor atributos. Nesse sentido, a performance

vincula-se a uma espetacularização de si, interessada, dentro de uma lógica de visibilidade a partir da qual não seria suficiente ser ou fazer mas seria necessário performar (SIBILIA, 2015). Para tanto, o sujeito adere a novas práticas culturais de construção de si, tornadas visíveis por meio de redes sociais como o *Instagram*, e elas adquirem sentido tanto no ato de publicar, quanto nos atos de ver, curtir, comentar, compartilhar, executados por outros – os seguidores de determinado perfil virtual. Estariam em exercício formas de “extimidade”, termo empregado por Sibilia (2008) para referir a exibição instantânea e constante de fragmentos de uma vida narrada, bem como a um investimento de construção ficcional de si em redes sociais virtuais.

Passamos a discutir, então, alguns efeitos da articulação promovida entre corrida e desempenho em postagens de sete atletas, em seus perfis no *Instagram*. A primeira postagem que selecionamos está no perfil de um atleta experiente em competições de natação que, aos 47 anos de idade, aderiu à corrida. É empresário começou a correr no ano de 2018 e, em quatro meses de treinamento, participou da primeira maratona. Em seu perfil no *Instagram* há muitas imagens que dão destaque ao desempenho esportivo em piscinas e que constroem uma rotina de treinos frequente e intensa. Nas publicações concernentes à corrida, o atleta explica que, assim como todos os seus esforços diários, a corrida é algo que contribui para tirá-lo da “zona de conforto”.

Não sou corredor...Esta certeza faz com que eu busque na corrida meu estado de desconforto, onde tenho que me esforçar muito para aprender com meu corpo e com os outros, assim eu busco melhorar onde sou fraco e ruim, assim eu busco minha melhor versão, fazendo o meu melhor, mesmo que o resultado não tenha expressão para os outros, ele é fundamental no meu propósito.

A expressão “busco minha melhor versão” compõe o jargão empresarial de nosso tempo, e é recorrente nas postagens do atleta. Freire-Filho (2012, p. 41) argumenta que há “uma utopia de autorrealização que dinamiza o individualismo contemporâneo, dando alento moral a novas formas de concorrência e de diferenciação social” e a autorrealização converte-se em desejo de “tornar-se” algo, o que, na postagem supracitada, consiste em desafiar e superar os supostos limites.

O segundo perfil que selecionamos é de um atleta de 33 anos, representante comercial, que divulga várias imagens sobre corrida e também indica, na descrição do seu perfil, todas maratonas das quais participou,

juntamente com o resultado obtido. No seu conjunto, as postagens exibem características de atleta determinado, que, em curto período, correu quatro maratonas em diferentes cidades (Berlim, Chicago, Boston e Porto Alegre). Ele investe em registros que permitem pensar em uma performance crescente – com resultados cada vez mais satisfatórios em relação à metas que estabelece para si. O atleta disponibiliza em seu perfil um link de acesso ao aplicativo no qual se expõe a rotina de treinos, que opera pedagogicamente tanto pela exemplaridade (seguir rotinas rígidas para alcançar metas ousadas), quanto pela espetacularização do uso do tempo (empregado, produtivo, útil). Trata-se de um perfil altamente performático, construído com forte base quantitativa e exposição de resultados, em corridas bem sucedidas. Em certa postagem, aparece em frente a um ponto de turístico na cidade de Chicago, com a medalha da maratona recém concluída: “CHICAGO MARATHON 2018. PR 2:41:50 (Pace 3’49”/km) *My fastest marathon! 7 maratonas, 7 recordes batidos! Só tenho a agradecer por essa curta, mas tão intensa trajetória de maratonista.*” No texto em destaque, o atleta sinaliza que o resultado obtido naquela maratona foi sua melhor marca pessoal – por meio das iniciais PR, indicativas de “Personal Record” no jargão de atletas de maratona. A grafia do nome da maratona em caixa alta denota a importância do evento, que integra as seis maiores do mundo (Tóquio, Boston, Londres, Berlim, Chicago e Nova Iorque). Os números registram o tempo total de prova (duas horas, quarenta e um minutos e cinquenta segundos) e o ritmo (o atleta percorreu a maratona com uma média de três minutos e quarenta e nove segundos por quilômetro). Parece emergir certa competitividade nas publicações deste atleta, na medida em que constrói um “currículo” exemplar, a ser exibido, com resultados observáveis no plano esportivo.

O terceiro perfil que selecionamos também investe, em grande parte das postagens no *Instagram*, na exposição da performance na corrida por meio de resultados quantificáveis e fotos em pódios. São frequentes as publicações relativas a atividades de *crossfit*¹¹, nas quais a atleta menciona que acorda muito

¹¹ Treinamento que une levantamento de peso olímpico, ginástica, atletismo e outras modalidades em atividades de alta intensidade. Criado por Greg Glassman, é uma marca registrada internacionalmente pela CrossFit Inc. Disponível em: <https://www.ativo.com/cross-training/noticias-cross-training/crossfit-o-que-e-como-treinar-onde/>. Acesso em 15 de junho de 2019.

cedo para treinar e que impõe, para si, metas de esforço crescente. Esta atleta tem 38 anos e é fisioterapeuta. Observamos que muitas imagens valorizam o corpo moldado pelo *crossfit* e pela corrida, e, na maioria dos casos, as fotografias exibem-na no ato de correr, sendo as imagens indicativas de um excelente desempenho esportivo. Os textos que acompanham as fotografias são bastante sucintos e geralmente contém palavras grafadas com derivação diminutiva - “*voltinha de domingo*”, “*forcinha de segunda*”, “*provinha suada e quentinha*”, “*palquinho dos 30k*”, “*sábado como a gente gosta: treininho e corridinha top!!!*”. Tal escolha parece voltada a marcar o caráter cotidiano das atividades, revestindo-as de um caráter ordinário. Poderíamos nos perguntar sobre os efeitos da constituição de um “ordinário” constituído por meio da super estimulação, pelo exigente ritmo dos treinos, finamente articulada a uma imagem de vigorosa atuação na esfera do trabalho.

O quarto perfil que selecionados é de uma atleta de 32 anos, professora universitária, que mantém rígida rotina de treinos, com periodicidade quase sempre regular. As fotografias que ela compartilha privilegiam performances individuais, algumas em maratonas, outras em ambientes diversificados nos quais costuma treinar. Os comentários são, via de regra, bem humorados, como “*unidade de medida: quatro voltinhas no trevo com banho de chuva*”; “*de boa com o saldo do findi*”; “*não estamos trabalhando com legendas*”. A sequência de postagens feitas pela atleta permite pensar em uma performance que se realiza individualmente, fruto de esforço, rotina, disciplina, e, ainda, em um corpo moldado sob tais condições, exibido sempre em movimento, em corridas ao amanhecer, em finais de semana, ou, mesmo, quando viaja de férias, visita a casa dos pais ou de amigos - ou seja, ela investe em um sentido da corrida como algo permanente, que está sempre ali, sob qualquer circunstância.

O Quinto perfil é de uma atleta de 32 anos, biomédica, que reside na região metropolitana de Porto Alegre há 14 anos. É possível entender, acompanhando as postagens, que a atleta iniciou a corrida para romper com uma rotina que ela qualifica como sedentária e, desde então, competiu em maratonas de Buenos Aires, Berlim e Porto Alegre. Em uma de suas postagens, a atleta afirma que correr tem “*suas flores, dores e lições*” e, em uma publicação recente, avalia: “*a verdadeira vitória é a promessa de dar seu máximo quando ninguém está assistindo... vale pra corrida, vale pros estudos, vale pra vida!!!*”

O sexto perfil é de um atleta de 39 anos, profissional de Educação Física e *personal trainer* que reside na grande Porto Alegre. Desde que foi

iniciado no mundo dos esportes de alto rendimento, aos 17 anos, acompanha todas edições da Maratona de Porto Alegre - como observador, como educador físico ou como atleta e já correu em quatro delas. As postagens do atleta privilegiam momentos familiares, mas as que estão relacionadas ao esporte dão destaque a corridas de eventos específicos ou de maratonas. Os comentários são sucintos, por vezes uma única palavra constitui o enlace entre a imagem e o acontecimento - *“Poa day run”*; *“treino noturno”*; *“aquecimento”* por exemplo. Fotografias do atleta sorrindo enquanto corre são significativas para sustentar a noção de que correr não seria uma prática estressante, embora o atleta dedique muito tempo para ela e obtenha, em contrapartida, excelentes resultados nas provas que disputa.

O sétimo perfil que destacamos é de uma atleta de 42 anos, jornalista, estudante de Educação Física e proprietária de uma academia. Ela é experiente e bastante conhecida entre maratonistas no extremo sul do país, tendo ocupado os lugares mais altos nos pódios das corridas nesta região. Para a atleta, não parece ser necessário exibir “provas” constantes de sua performance em redes sociais e, talvez por isso, investe menos em uma trajetória focada em resultados, e mais na imagem de atleta dedicada a manter o corpo em forma, dentro das possibilidades diferenciais de cada tempo de sua vida. Em postagens relativas à corridas de maratona ela insere mensagens de incentivo ou reconhecimento a outros atletas, como as que se seguem: *“Que festa linda!!!”* (foi como ela se referiu a uma imagem na qual divide o pódio de uma corrida com outras cinco mulheres); *“Da sério: nós gostamos é do estrago”* (texto que acompanha uma imagem de corrida em terreno em aclave); *“42 quilômetros, 195 metros e trocentos zilhões de terabytes de alegria e sorriso numa só imagem”* (texto que acompanha uma fotografia antiga, em que aparece cruzando a linha de chegada - em primeiro lugar - em uma maratona realizada em terras uruguaias); *“Memórias de uma reles pangaré”* (texto grafado ao lado da imagem de todos troféus que recebeu correndo maratonas).

As lições que operam nas mensagens anteriormente apresentadas parecem vinculadas aos sentidos de persistência, força de vontade, disciplina para seguir planos, estabelecer metas e executá-las. Elas prefiguram a imagem de atletas que aderem, voluntariamente e sem reservas, às práticas da corrida de alto rendimento e que, por meio da narrativa de suas vidas, confessam uma entrega ampla e irrestrita ao anseio de construir essa tal “melhor versão” de si mesmos. Uma representação de corpo posto, constantemente, à prova atesta a adesão sem tréguas ao projeto de tornar-se melhor em termos de desempenho.

E isso se dá tanto na realização de corridas em maratonas, quanto na manutenção de um sofisticado trabalho sobre o corpo (que aparece treinando em áreas externas, em academias, em piscinas, em atividades combinadas – corrida, ciclismo, natação). O treino seria um elemento ordinário, inscrito no cotidiano, articulado à rotina de todas as outras coisas que integram a vida do atleta – trabalho (por vezes mais de um emprego), família, compromissos sociais, por exemplo. Dar o máximo – na vida e no treino – e valorizar o próprio desempenho parece ser um efeito de sentido derivado da presença insistente do ato de correr.

O exposto nos leva a pensar naquilo que afirma Han (2017, p. 29):

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência”.

Os atletas exibem, por meio de postagens no *Instagram*, histórias de vidas que não obedecem a uma instância externa quando se entregam ao ato de correr e sim que respondem aos seus próprios propósitos, metas, objetivos, como sujeitos de escolha. Mas a liberdade de escolha coincide com coação, afirma o mesmo autor, quando “o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho” e esta seria a mais eficiente forma de exploração, “pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade”. Também para Dardot e Laval (2016), essa seria uma característica das sociedades marcadas por uma lógica empresarial que estimula a flexibilização dos vínculos, a responsabilização dos sujeitos e o incremento do desempenho como estratégia concorrencial.

A novidade do governo empresarial reside no caráter geral, transversal e sistemático do modo de direção baseado na responsabilidade individual e no autocontrole [...] O indivíduo deve governar-se a partir de dentro por uma racionalização técnica de sua relação consigo mesmo. Ser “empreendedor de si mesmo” significa conseguir ser o instrumento ótimo de seu próprio sucesso social e profissional (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 350).

O sujeito de desempenho encontra em si seu objeto e seu referente – e, assim, é sobre um aprimorar-se e a um superar-se que versam as narrativas dos atletas em postagens selecionadas. “O sujeito de desempenho concorre consigo

mesmo e, sob uma coação destrutiva, se vê forçado a superar constantemente a si próprio” (HAN, 2017, p. 99). Os atletas que integram o presente estudo investem no desempenho, mensurado de muitas formas, planejado e posto à mostra, para si mesmo e, ao mesmo tempo, para a aferição pelo olhar do outro. Trata-se, neste caso, de performances individualizadas, de percursos solitários na corrida, mas as postagens reúnem fragmentos por meio dos quais a pessoa busca alcançar reconhecimento.

No perfil de uma das atletas encontramos uma publicação cujo texto verbal convida-nos a pensar na dimensão educativa desses atos de corrida. “*Às vezes só conseguimos dimensionar nossa força e determinação quando nos colocamos à prova, quando nos levamos ao limite. Acho que não há melhor forma de se autoconhecer.*” Levar o corpo “ao limite” seria um modo de conhecer-se, constitutivo de tecnologias de si, e, nas palavras da atleta, implicado com o autoconhecimento. Conforme Larrosa (2011, p. 57), o autoconhecimento implica em ver-se a si próprio, e, desse modo, estabelecer um trabalho sobre si, ele é uma forma privilegiada de metaforização do conhecimento que, voltado para si, permitiria o autoconhecimento e a percepção do que deveria, em cada um, ser potencializado ou transformado.

O olhar do outro importa, nas histórias narradas pelos atletas em seus perfis e esse outro olhar é constitutivo do performar, como já afirmamos. Sibilia (2015) lembra-nos que os modos de vida constituídos na primeira metade do Século XX, e privilegiadas desde uma racionalidade neoliberal, foram centrais para a promoção de um deslocamento – de subjetividades interiorizadas para aquelas que se realizam na exposição ao olhar alheio. Nesse novo tempo de subjetividades expostas, performar consiste em fazer algo – ou, simplesmente, parecer fazê-lo – com a certeza de estar sendo observado (SIBILIA, 2015). Nesse sentido, as publicações feitas no *Instagram* por atletas de corrida parecem prestar contas de habilidades constituídas por meio de rotinas constantes. É no curso de um dia e sem interromper os fluxos de trabalho que esses atletas realizam seus treinos para se manterem em plena forma. Esses modos de organizar e de dar sentido ao tempo – em sua dimensão ordinária e flexível – também se estabelece em relações contemporâneas de trabalho e, em muitos casos, já não se trata de cumprir, estritamente, turnos de trabalho sob o olhar vigilante do empregador, mas de mostrar resultados ao final de um período, ciclo, projeto esportivo ou laboral.

Com base no que argumenta Martin (1994), afirmamos que, na atualidade, as grandes corporações baseadas na produção em massa, em tecnologias mecânicas e em empregos com rotinas estáveis estão cedendo lugar a empresas com estruturas mínimas e formas flexíveis de vinculação de trabalhadores. Ocorre uma ampla flexibilização dos tempos, das formas e das estruturas de trabalho, e a isso se segue o incremento das estratégias e meios de controle para assegurar produção com lucratividade. Os sujeitos são responsabilizados pelo sucesso de suas carreiras e da organização como indivíduos-empresas que deveriam ser. Dentro das premissas capitalistas, não se trata, obviamente, de trabalhar menos ou de ter “mais tempo”, mas de adotar estratégias flexíveis e seguir crescentemente trabalhando. Não se trata, tampouco, de agir em prol de uma comunidade, e sim de mover-se por cenários concorrenciais. Se as corporações devem ser leves, ágeis, enxutas, flexíveis o bastante para se adaptar às circunstâncias, os empresários de si também devem aderir a tais premissas e, assim, os corpos corporativos saudáveis deveriam ser “focados, rápidos, amigáveis e flexíveis”, para sobreviver teriam que ser fluidos, capazes de ajustar seu tamanho, forma e arranjo. Tem-se, assim, um nexos entre o corpo do maratonista e do trabalhador desejável em contextos adversos da atualidade.

CORRIDA E GESTÃO DE SI PARA UM VIVER PRODUTIVO

Temos visto propagarem-se mensagens – em programas televisivos, em revistas, jornais, em redes sociais – nas quais as pessoas narram as sagas de suas vidas, enfatizando os benefícios de aderirem a “novas práticas” para ampliar suas capacidades competitivas (uma vez que as velhas práticas vão sendo descritas como insuficientes). Nesse sentido, a corrida adquire prestígio tanto como modalidade que, alega-se, seria útil tanto para perder peso e adquirir uma forma física desejável, quanto como prática capaz de redimir o sujeito viciado em trabalho, à beira de um colapso. Ela seria a marca material de um perfil de sujeito que, através da dor, do sofrimento, da superação, exibe qualidades desejáveis e uma boa gestão de si. Um dos efeitos da articulação entre prática esportiva e estilo de vida laboral parece ser o de tornar ainda mais vendável a imagem de profissional-empresário-de-si que cada um é impelido a adotar sem problematizações.

Na obra – popular e amplamente difundida no Brasil – intitulada “Correr: o exercício, a cidade e o desafio da maratona”, o médico Draúzio Varela afirma ter se tornado maratonista aos 50 anos. O autor enfatiza os

benefícios que a corrida lhe trouxe, dá relevo ao prazer gerado pela endorfina do pós-treino, que o encorajava a continuar correndo: “Consegui controlar melhor a ansiedade e a agitação da vida atribulada que sempre levei, tornei-me mais confiante e disciplinado. Ganhei serenidade” (VARELA, 2015, p.21). O autor afirma que é difícil e um tanto absurda a disposição demonstrada pelos atletas para as práticas de corrida, e relata: “senti na carne o tormento que é levantar da cama de madrugada para correr” Além disso, a indagação “Existe sofrimento mais atroz do que deixar a cama quente, no horário em que o sono é mais arrebatador, vestir o calção, a camiseta e calçar o tênis para sair correndo?” (*Ibid*), inserida no mesmo texto, é indicativa do esforço empreendido por quem corre com regularidade.

A corrida se torna, inclusive por relatos de dor e sofrimento produzidos, um tipo de prática digna de ser performada e de ser exibida, ela alça a outro patamar o esforço empreendido - não como desperdício de um tempo e sim como sua otimização. A utilidade do tempo de treino e de corrida é, de certo modo, vinculada ao fazer produtivo, e, desse modo, elas se revestem de um caráter instrumental que, ao fim e ao cabo, as justifica. Chamam nossa atenção, nesse sentido, as razões apresentadas pelos atletas para iniciarem rotinas de corrida: um deles argumenta que, antes de aderir a essa prática, estava “*acima do peso*”, o que gerava incômodo não apenas estético, mas também orgânico. Em suas postagens mais recentes, a corrida não se vincula à busca por perder peso e sim ao intuito de melhorar a saúde, a respiração, a qualidade de vida. Outra atleta indica o anseio de melhorar o condicionamento físico, aprimorar a capacidade respiratória, tonificar o corpo, como razões para ter iniciado a prática da corrida, mas, nas postagens atuais, investe na noção de que corre “*por puro prazer*”.

De acordo com Lupton (2000), noções de corpo como signo observável de certa constituição moral, ou do esporte como um tipo de trabalho sobre si que denotaria força e controle de si, são recorrentes na literatura médica desde o final do século XIX. Os discursos constitutivos de instituições e agências contemporâneas que promovem a saúde, investem nesse tipo específico de sujeito: alguém autorregulado, possui consciência de sua saúde, adere a um modelo de civilidade. Também é privilegiado o corpo capaz de se conter, de se privar, ou seja, que coloca sob controle suas vontades. Via de regra, sujeitos capturados por discursos de saúde consideram-se adeptos a tais práticas por iniciativa própria e se engajam em rituais que prometem uma vida saudável e longa. As estratégias contemporâneas de promoção da saúde

incitam-nos a aderir a variados métodos, descobrindo assim quais seriam funcionais para assegurar certo estado de saúde e constituir nossas próprias maneiras de gerenciamento corporal. O “puro prazer” poderia derivar do ato da corrida em si, nos termos de um dos atletas, em postagem destacada anteriormente, ou da conquista de certos propósitos estabelecidos nas métricas do viver ativo.

Observamos, em publicações feitas por atletas, que se constitui o enlace entre prática esportiva e heroísmo. Seleccionamos alguns recortes:

De vez em quando é bom olhar pra trás apenas pra lembrar do tamanho que somos, da força que carregamos e do que já conquistamos!

É bom olhar pra trás só pra lembrar que vale a pena sonhar, traçar metas ousadas e trabalhar com tudo para conquistá-las... É bom olhar pra trás pra que a gente nunca se esqueça de que os nossos limites somos nós mesmos quem impomos e que não há o impossível para aquele que acredita!

Aos poucos, vão-se as dores e a euforia desse dia e ficam as memórias, para que a gente nunca esqueça do tamanho que é, da força que carrega aqui dentro! A maratona é uma escola para a vida!

Éééé...Cada vez que corro 42 km me apaixono mais por essa épica distância. Me dou conta de que não é para qualquer um e, definitivamente, demora muito para aprendermos a correr decentemente.

O heroísmo é, por vezes, referendado em comentários de seguidores, tais como “*testemunha ocular de cenas fortes*”; “*vi toda a luta de vocês*” *Que atleta!!! Deusa intelectual e heroína do corpo*”; “*muito maravilhosa*”; “*sempre arrasando*”; “*parabéns, monstro!!!*”; “*feraaaa, como tu não existe outro igual*”; “*enquanto eu dormia...*”; “*o cronômetro não mente...*”

A construção de um viés heroico para aqueles que praticam atividades esportivas de alto impacto não é algo incomum. Essa representação é reiterada, inclusive, como forma de ressaltar qualidades únicas de um atleta, ou como estratégia acionada para conferir relevância aos feitos atléticos. Para Ehrenberg (2010), em tempos em que se desregulam as instituições e se desestabilizam os sistemas de referência comuns,

o esporte é *summum principium* da cultura do heroísmo que nos íntima, não a delirar diante das proezas de seres excepcionais numa identificação com eles – eles não são mais do que os suportes de nossa própria modelização, já que agora todos podemos ser excepcionais –, mas nos íntima a inventar nós mesmos contando com nossas únicas forças (EHRENBERG, 2010, p. 25).

Assim, uma atitude heroica seria requerida de cada um de nós, quando focado no propósito de alcançar pleno vigor físico, alta performance. Trata-se da fabricação de sujeitos ousados, que assumem os riscos de viver por conta própria, sem amparos institucionais, sem garantias de seguridade, cada vez mais redefinidas como obsoletas e pesadas demais para serem sustentadas por um Estado- providência, que Bauman (2005) descreve como liquefação de estruturas e relações de base sólida, agora marcadas pela instabilidade e fragilidade. As práticas esportivas regulares – que demandam esforço, persistência, força – habilitariam o sujeito a viver num mundo sem certezas, no qual assumir riscos é um valor e um desafio cotidiano. Elas seriam, ainda, “uma força” que empurra para frente o sujeito em seus propósitos mais audaciosos. Por isso, os investimentos na corrida seriam formas de investimento sobre si para alcançar a alegada “*melhor versão*”. E essa força movimenta um sentido de sujeito de competição e de desempenho. Dardot e Laval (2016, p. 353) salientam que “o empreendedor de si é um ser feito para ‘ganhar’, ser ‘bem-sucedido’. O esporte de competição, mais ainda que as figuras idealizadas dos dirigentes de empresa, continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos”.

Algumas mensagens publicadas pelos atletas no *Instagram* vinculam corrida a um estilo de vida: “*não me vejo sem a corrida mais. Ela virou uma aliada na minha vida*”; “*Me preocupo tanto em envelhecer com saúde como manter a ‘decência’ e estar na melhor versão possível para a minha idade, convicções e estilo de vida*”. Imagens de atletas correndo, em seus momentos “sublimes”, em paisagens amplas, urbanas, rurais, serranas, praieiras são bastante comuns. E observamos a recorrência daquelas que mostram persistência, garra, força de vontade – e que situam os corpos que correm ao amanhecer, quando outros corpos repousam – e estas são acompanhadas de textos como “*Na melhor hora da praia*”, “*Enquanto outros dormem*” ou “*sábado como a gente gosta*”. As condições climáticas também são relativizadas nas postagens dos atletas, por meio de expressões como a afirmativa bem humorada “*como eu lavo os tênis*” que acompanha a imagem da atleta correndo

em uma via completamente inundada. Também nessa direção, destacamos a postagem a seguir, exposta em um dos perfis dos atletas selecionados para este estudo, que dá visibilidade a uma certa “atitude” adotada:

a maioria busca o conforto, a maioria não passa frio, não sente dor, não acorda cedo, não sai da zona de conforto e, conseqüentemente, não conhece sua versão melhor. Porque a versão melhor nasce na adversidade, na crise, que se supera, que enfrenta a dor, respeitando e se adaptando para não ser igual a maioria.

Há um esforço implicado no cultivo desse “estilo de vida” que ganha dimensões significativas no confronto com os outros – os que não acordam cedo, aqueles que buscam o conforto, os que não desafiam seus próprios limites. A corrida como um “estilo de vida” também é dinamizada por uma ampla produção cultural sobre esporte de aventura, que afeta o estatuto da própria prática esportiva. Ehrenberg (2010, p. 19) argumenta que o esporte é utilizado como metáfora, como referente ou princípio de ação, e converte-se em um “sistema de condutas de si”, “uma maneira de assumir a responsabilidade sobre si mesmo diante das carências das políticas públicas do emprego, e da incapacidade da administração em manejar os laços eficazes entre a oferta e demanda no mercado de trabalho”.

A busca por “não ser igual a maioria” parece ser indicativo de uma meta pessoal que o atleta destaca em sua publicação e que, em boa medida, se impõe a todos nós na atualidade. A tarefa de diferenciar-se parece equiparada à de construir um diferencial, nos termos do mundo corporativo e realiza-se por meio do controle das vontades, do empenho em dominar-se frente ao desejo de não sair da cama pela manhã ou não sentir desconforto ou dor. O potencial pessoal, disseminado como conquista do atleta que se empenha, é ponto de referência para a validação de si e para o julgamento dos demais. Afinal, múltiplas relações de poder perpassam e constituem nossos posicionamentos, nossos modos de ver e julgar o que vemos, e tudo isso está respaldado em modos como um discurso é instituído, mobilizado, reforçado e conformado como verdadeiro. Na profusão de mensagens cotidianas, em redes sociais como o *Instagram*, verdades são produzidas – tal como se produzem objetos, fortunas, empreendimentos. Foucault (2010, p. 22) afirma que, ao prestarmos contas de nós mesmos, “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a uma certa maneira de viver ou a uma certa maneira de morrer, em

função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder”.

Em algumas postagens são empregados termos em língua estrangeira que também mobilizam um sentido de estilo de vida mas, ao mesmo tempo, alinham-se a jargões da vida empresarial. Nessa direção, o emprego da expressão “*Just it!*”, acompanhada uma imagem do corpo atlético, em atividade de alto desempenho, suado mas não fatigado ao fim de um longo percurso, ou, ainda, a expressão “*Do it!*” grafada sobre uma fotografia do atleta em movimento, investem num sentido de determinação e de decisão que cada um poderia tomar. Tais aspectos qualificam a corrida como algo que possibilitaria construir-se como “*a melhor versão possível*” de um eu que nunca se realiza plenamente, que está sempre sendo produzido. Os comentários de seguidores - tais como “*exemplo de força de vontade*”; “*show de determinação*” “*modelo de organização*” - salientam atributos do perfil de corredor que operam no limiar entre atletismo e empreendedorismo. E a seguinte afirmação parece também entrelaçar esporte e gestão de si: “*Minha métrica no esporte são os meus números, os melhores tempos da minha vida, que tenho controle deles e tento fazer melhor*”.

Os números, neste caso, são indicativos do desempenho alcançado e da excelência do movimento requerido; são o traço visível daquilo que acontece com o corpo - quanto mais treinado e condicionado, menor o número indicativo do tempo que se leva para percorrer certa distância. Os números também são indicativos do tempo empregado em treinos, do ritmo empreendido em cada percurso, da ação repetida de correr maratona - a primeira, a segunda, a terceira na vida de um atleta. O corpo transforma-se, assim, superfície de inscrição (quantitativa, inclusive) das transformações que se processam no corpo. São múltiplas as pedagogias que nos ensinam como investir nesses corpos e moldar, com eles, atributos de nossa “alma”. Como salienta Sant’Anna, 2001, p. 108) “durante séculos o corpo foi considerado o espelho da alma. Agora ele é chamado a ocupar o seu lugar, mas sob a condição de se converter totalmente em boa forma”.

Ter controle sobre “os números” no esporte parece vincular-se a um tipo de controle sobre o corpo (e sua excelência) e sobre a vida. O trabalho sobre o corpo, por meio de rotinas de exercícios esteve firmemente amparado em bases anatômicas, o que possibilitou um conhecimento minucioso e detalhado dos músculos, dos ossos, das articulações, por exemplo, em favor do

agenciamento do movimento e da busca de sua perfeição. Hoje, o trabalho sobre o corpo é constituído discursivamente como parte de um trabalho interior, voltado para a domesticação dos desejos (VIGARELLO, 1978). Ter controle sobre os “números do corpo” parece ter força simbólica para imaginar um tipo de controle sobre outras dimensões de si e da vida.

Por fim, algumas postagens que selecionamos afirmam um sentido cooperativo que emerge da prática da corrida. Eles mencionam “*os encontros que a corrida faz ACONTECER*”, e veiculam imagens de atletas performando em conjunto – em provas de maratona ou em treinos coletivos. Há apelos para os seguidores, explicitados em mensagens como “*Aberta a temporada de treinos*”, publicação seguida de um convite: “*vamos sofrer juntas?*”. Um sentido coletivo da prática de correr, manifesto nos recortes anteriores, também é mobilizado em portagens como “*alegria em ajudar outros atletas a conquistar seus objetivos*”. Destacamos uma postagem um pouco mais longa, na qual parece emergir um sentido colaborativo:

100% de mim não é nada comparado a 1% do time inteiro”. Acredito que essa frase do Kipchoge resume bem a 4a. TTT da qual participo. A prova e a emoção são as mesmas da primeira, mas tudo que a envolve é sempre diferente... o clima, as pessoas, a nossa condição física, o objetivo do momento... Confesso que tenho curtido bem mais as provas de revezamento do que as individuais, porque é um trabalho em equipe do início ao fim e você percebe o quanto cada um ali tem a sua importância. Esforços somados para um mesmo objetivo e aquele abraço de dever cumprido e superação no final. Foi uma prova dura, 82k rodados sob um sol escaldante! Resultado conquistado com essas gurias queridas: vice-campeãs dos quartetos femininos! [...] O esporte é a celebração da vida e eu amo isso com muita intensidade! Vamos em frente!

Os apelos para sermos colaborativos são cada vez mais recorrentes, especialmente no mundo corporativo. A capacidade de trabalhar em equipe e a empatia são requisitos que integram, por exemplo, descrições de vagas de emprego, e não apenas em cargos de gestão. Sennett (2015) assinala a importância que assume a cooperação nas relações produtivas numa sociedade pós-fordista, mas esta é entendida como troca, na qual as partes se beneficiam. Contudo, o autor defende que a cooperação é uma habilidade - ou seja é desenvolvida no processo mesmo de cooperar e capacitaria o sujeito para agir em conjunto, para escutar e ser receptivo com o outro. Cooperar é uma habilidade que pode ser moldada, fortalecida, mas, nas sociedades

contemporâneas, tem sido desabilitada na medida em que somos postos a competir e a colaborar com outros apenas quando isso gera algum tipo de vantagem. E, conforme o autor,

A desabilitação vem ocorrendo em igual medida no terreno social: as pessoas perdem a capacidade de lidar com as diferenças insuperáveis, à medida em que a desigualdade material as isola, que o trabalho de curto prazo torna mais superficiais os contatos sociais e gera ansiedade a respeito do Outro. Estamos perdendo as habilidades de cooperação necessárias para o funcionamento de uma sociedade complexa (SENNETT, 2015, p. 20)

Em uma situação de competição - no esporte, no trabalho - o desempenho do outro é a marca daquilo que se deve superar para ascender na carreira ou para subir ao pódio. A corrida (quando é treino, quando é rotina, quando está incorporada ao dia a dia) aparece, na maior parte das imagens postadas pelos atletas participantes deste estudo, como ato solitário, como conquista individual, e raramente há outros sujeitos enquadrados na fotografia. A exceção é relativa às imagens de maratona, nas quais a presença do outro é inevitável. Contudo, há postagens nas quais os atletas mostram atenção à presença do outro. Uma atleta “confessa”, em uma delas, que tem apreciado mais as provas de revezamento do que as individuais, destacando o caráter coletivo dessa modalidade - nela, o desempenho de cada atleta colabora para definir o desempenho geral da equipe.

De certo modo, embora em um ambiente competitivo, a prova em equipe exige que o sujeito esteja atento à presença do outro, ao seu modo de correr, aos seus pontos de força e fraqueza - “*você percebe o quanto cada um ali tem a sua importância. Esforços somados para um mesmo objetivo e aquele abraço de dever cumprido e superação no final*”. Podemos pensar que a alegada superação seja relativa aos números (aqueles que indicam quem vence e quem perde uma prova de corrida), bem como aos limites a serem desafiados em si e na equipe. A proposição, feita por outra atleta - “*vamos sofrer juntas?*” - pode ser entendida, aqui, como disposição para treinar “com outros”, o que não implica necessariamente em uma habilidade de cooperação.

Há, no entanto, uma postagem que parece ser indicativa de uma habilidade para cooperar que, no momento mais importante de uma prova de corrida de longa distância, abre a possibilidade de fazer de outro modo. Recuperando o contexto em que se insere a postagem, informamos que o acontecimento descrito teve lugar na 35^a Maratona Internacional de Porto

Alegre, no ano de 2018 e envolve duas atletas experientes em corrida de maratona. Depois de uma árdua preparação, com rotinas exaustivas de treino que se prolongam por meses, chega o tão aguardado dia da maratona. No 15º quilômetro de corrida, uma delas não resiste às dores provocadas pelo ritmo intenso e desiste, sentando-se à beira da pista. A outra, que passa em seguida, correndo, detém-se por um tempo e ajuda a primeira a levantar-se, convencendo-a a prosseguir. No Instagram da primeira atleta, a postagem é a seguinte:

O esporte sempre me surpreendendo e me ensinando muito sobre a vida. É inútil tentar explicar em palavras, então a gente fica com os abraços”. Todo o meu carinho para essa atleta que admiro tanto e me orgulho de ter chegado na cola dela na minha primeira maratona. Obrigada por ter me “juntado do canteiro” no Km 15, quando eu já havia desistido de lutar contra uma dor insistente. Agora sabemos que a dor que eu não aguentava mais, aguentou mais 27 km na chuva.

A segunda atleta posta um texto mais longo¹² em seu site, razão porque colocamos em destaque apenas alguns recortes:

A trigésima quinta edição da Maratona Internacional de Porto Alegre, realizada na chuvosa manhã desse domingo, marcou minha memória de forma única, e foi completamente diferente de todas que corri

[...] Tava lá, no quilômetro 15. Focadinha, sofrendo feito cavalo manco, consciente do que me esperava pela frente. E nesse trecho, encontro uma atleta no canteiro, próximo à Usina do Gasômetro [...] “toda renga” (não muito pior que eu, kkkk), prestes a desistir, com muitas dores. Rapidamente, trocamos algumas palavras e a convidei para “sofrermos juntas”, naquela parceria que não precisa de muita conversa.

[...] Sem munição, mas avançando na trincheira, fomos engolindo quilômetro a quilômetro.

Considerando que, em uma prova de maratona, os atletas são postos para competir e, nesse sentido, devem focar e seguir as metas que

¹² Publicado em: <http://www.santacorrída.com.br/35a-maratona-de-porto-alegre-uma-saga-inesquecível/>

estabeleceram para si, a atitude da atleta que se detém e, então, segue lado a lado com a outra para que ambas concluam a maratona não deixa de ser intrigante. Mas essa atitude é narrada por ambas como algo que qualifica o acontecimento e o torna memorável. A primeira, ao agradecer o gesto da atleta que a auxiliou, afirma que este foi capaz de conferir a ela uma força renovada: “*agora sabemos que a dor que eu não aguentava mais, aguentou mais 27 km na chuva*”. A segunda finaliza sua postagem com o seguinte: “[...] *Essa maratona (que considero uma das sagas mais intensas pelas quais passei, pela sensação clara de desprendimento e egocentrismo, natural de quem compete), deixa claro o quanto podemos evoluir como seres humanos - e quanto somos uma força monstruosa da natureza, em todos os sentidos.*

O ato de cooperar diante de adversidades, mesmo em contexto de uma competição, parece ter adquirido sentido revigorado. A narrativa de si e do acontecimento opera como movimento auto reflexivo, um processo no qual o sujeito olha para si e julga a própria conduta. Sennett (2012, p. 9) afirma que “a cooperação azeita a máquina de concretização das coisas, e a partilha é capaz de compensar aquilo que acaso nos falte individualmente”, mas ela precisa ser exercitada e desenvolvida. O autor argumenta, ainda, que “Quem quer que tenha praticado esportes em equipe, fechado um negócio ou criado filhos sabe que a cooperação mútua e a competição podem combinar” (*Ibid.*, p. 85).

ANOTAÇÕES FINAIS

Seguindo o propósito de analisar como atletas de corrida narram suas vidas em um ambiente virtual, observamos que se promove um deslocamento da ideia de corrida. Argumentamos, assim, que a corrida foi/é vista, em alguns espaços sociais, como prática que compete com a vida laboral, na medida em que requer dedicação, rotina de treinos e tempo empregado – que, sob a lógica produtivista e flexível que marca nossos dias, deveria ser convertido integralmente em “tempo de trabalho”. Contudo, observamos que ocorre um deslocamento nesses sentidos sobre a prática de correr que vão na direção de qualificá-la como algo que amplia e potencializa qualidades do sujeito, hoje requeridas para compor um perfil de trabalhador, executivo, empresário bem sucedido. Tal deslocamento se dá quando forma física e excelência na prática de um esporte não estão mais alojados unicamente num registro privado, mas se estabelecem em redes difusas e massivas de comunicação, conexão, informação. A prática da corrida se alinha a um tipo de tecnologia implicada com o desenvolvimento de certas capacidades e competências úteis, também, para um

ambiente laboral competitivo. O investimento constante corpo e na performance agora é ressignificado, transforma-se em força que age para desenvolver competências para viver em um mundo sem certezas, desafiador, que requer de nós movimentos na superação de limites e estabelecimentos de (sempre renovadas) metas de produtividade.

A indagação – “como se torna possível, na atualidade, equiparar corrida aos cursos e espaços de aprendizagens sobre gestão empresarial, os MBA?” – nos levou a selecionar publicações feitas por atletas na rede social *Instagram*. A análise de um conjunto de postagens feitas por sete atletas fez emergir duas categorias marcadas pela recorrência de noções como performance e por indicadores do que constitui, em nosso entendimento, o enlace entre corrida e gestão de si. As histórias que nos foram contadas – por meio de textos e imagens nos perfis de *Instagram* que selecionamos – prestam conta de um tempo dedicado, da repetição do ato no treino, da busca por execução do melhor tempo, do menor desgaste físico, e, literalmente, da busca por construir “a melhor versão de si mesmo”, jargão amplamente empregado no mundo corporativo.

Freire Filho (2011, p.7) indica que são várias as iniciativas, na sociedade contemporânea, voltadas à capacitação de líderes para o mundo corporativo, mas também de qualidades de autogestão em assalariados, para que esses se tornem cada vez mais competitivos em diversas arenas de disputa social, aumentando desta maneira suas expectativas de rendimentos futuros. E o mesmo autor avalia que

Cada vez mais, o campo esportivo absorve a lógica da empresa – seja como modelo de gestão, seja como referência cultural. O processo de assimilação dos ideais e do jargão corporativo é visível, por exemplo, no vocabulário de dirigentes, de técnicos e, até mesmo, de jogadores de futebol. (FREIRE-FILHO, 2012, p.44)

Ao que parece, a equiparação da corrida como um novo MBA tem como cenário essa conversão do esporte à lógica da empresa, de que fala o autor, e, ao mesmo tempo, parece responder ao anseio corporativo de encontrar profissionais com capacidade de planejamento e gestão do tempo, com determinação para alcançar metas estabelecidas para um alto rendimento, com força de vontade para alterar as rotinas da vida e “sair da zona de conforto” – forjados na disciplina da prática esportiva de alto rendimento. Tais

características “desejáveis” vão sendo constituídas e propagadas em uma rede difusa, sustentadas no princípio de que cada um deve assumir os riscos e glórias de conduzir a própria vida. Assim, cada sujeito deve assumir o ônus de sua contínua capacitação, de sua progressiva transformação, deve também desenvolver uma atitude versátil e flexível, associada à capacidade de adaptação que lhe permitiria não apenas sobreviver, mas ter sucesso, autoconfiança, otimismo nos ambientes altamente voláteis do mundo atual, além de diferentes disposições ou estados motivacionais positivos, como autoconfiança e otimismo. Muitas dessas características estão presentes nas narrativas de si de atletas que correm e, em grande medida, são atribuídas a uma disposição para correr com regularidade e intensidade.

Possivelmente, o que se vislumbra, na corrida, como aspecto que interessa ao mundo corporativo é o potencial de otimização de “componentes comportamentais” considerados valorosos no mundo empresarial (GORZ, 2005). De um modo ou de outro, todos estamos inseridos na rede de discursos que convocam a agir sobre nós mesmos, a assumir a gestão de nossas carreiras, de nossas vidas amorosas, de nossas competências, de nossa vida laboral. Retomando a matéria com a qual iniciamos este texto, vemos, pela voz do publicitário e empresário, expressos os enlaces entre corrida e construção de si desde uma lógica empresarial – “A maratona obriga você a focar, a limpar a agenda, a cuidar do sono, da alimentação – e abandonar tudo o que é desnecessário nessa vida [...] E tudo isso faz de você um empresário e um profissional muito focado”.

As postagens feitas por atletas, na rede social *Instagram*, permitem pensar no caráter pedagógico das narrativas e no modo como elas agenciam os sujeitos e os posicionam. As narrativas que se constroem, as imagens que se seleciona, o modo como se capitaliza certo acontecimento, marcando-o pela exemplaridade são partes de um dispositivo pedagógico por meio do qual modelam-se subjetividades. Algumas das postagens que analisamos mobilizam o imperativo reflexivo “conhece-te a ti mesmo”, indicando que a corrida é um modo de testar os próprios limites, desafiar-se, entender como o corpo funciona em situações desafiadoras. Neste ato, o atleta faz de si sujeito e objeto do discurso – há algo que lhe acontece, há algo a ser visto, testado, desafiado e conhecido. Mas a questão do (auto)conhecimento está vinculada às relações de poder por meio das quais se estabelecem os parâmetros, as métricas, os contornos desse objeto dado a conhecer – o corpo e os limites a serem superados.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea.** Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENDASSOLI, Pedro. **A cultura da performance.** Fator Humano na Revista Gv Executivo, Vol 3, Edição novembro de 2004 a janeiro de 2005, p. 45-48

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Biotempo, 2016.

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa.** São Paulo: Editora Idéias & Letras, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975- 1976).** Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE FILHO, João. A nova mitologia esportiva e a busca da “alta performance”. **Revista Comunicação & Cultura**, n.º 13, p.39-52, 2012.

FREIRE FILHO, João. **Apresentação do Livro.** In: COELHO, Maria das Graças Pinto; FREIRE FILHO, João (orgs). **A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo.** Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 7-10.

FREIRE FILHO, João. Sonhos de grandeza: o gerenciamento da vida em busca da alta performance. In: COELHO, Maria das Graças Pinto; FREIRE FILHO, João (orgs). **A promoção do capital humano: mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo.** Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 27-50.

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital.** São Paulo: Annablume, 2005.

GUANAES, Nizan. **Correr é o novo MBA. Folha de São Paulo.** <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nizanguanaes/2018/08/correr-e-o-novo-mba.shtml> Acesso em 08/06/2019.

HAN, Byung- Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª edição ampliada. Petrópolis, Vozes, 2017.

LUPTON, Deborah. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, p. 15-48, jul-dez, 2000.

MARTIN, Emily. **Flexible bodies: tracking immunity in American culture** - from the days of polio to the age of AIDS. Massachusetts: Library of Congress, 1994.

ROSE, Nikolas. **Inventando nossos selfs**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SANT'ANNA, Denise B. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 5. ed. Tradução de Clovis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SENNETT, Richard. **Juntos**: os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SIBILIA, Paula. **Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível**. revista *Fronteiras - estudos midiáticos*. 17(3):353-364 setembro/dezembro 2015.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VIGARELLO, Georges. **Le corps redressé**: histoire d'un puvoir pédagogique. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978.

VARELA, Draúzio. **Correr**: o exercício. a cidade e o desafio da maratona. Ed. Cia das Letras, São Paulo, 2015.

Recebido em 10 de abril de 2020

Aprovado em 23 de outubro de 2020